

UMA  
EDUCAÇÃO  
MORTAL

CAP. DE ANOSTRA

CAP. DE AMOSTRA



Capítulo 1

# O DEVORADOR DE ALMAS

ORION Lake precisa morrer. Eu sabia disso desde que ele salvou minha vida pela segunda vez. Antes, não me importava tanto assim com ele, mas tenho meus limites. Tudo estaria bem se ele tivesse me salvado um número considerável de vezes, sei lá, dez ou treze. Treze é um número que chama a atenção. Orion Lake, meu segurança particular. Eu poderia viver com isso. Mas o fato é que já se passaram quase três anos que estamos aqui na Scholomance, e até agora ele não tinha apresentado qualquer inclinação para me tratar de um jeito diferente ou especial.

Você deve me achar egoísta por contemplar com essas intenções assassinas o herói responsável pela recorrente sobrevivência de um quarto da nossa turma. Bem, só lamento pelo bando de perdedores que não conseguem se virar sem a ajuda dele. Seja como for, não fomos todos feitos para sobreviver mesmo. A escola precisava se alimentar de alguma forma.

Ah, e quanto a mim, você deve estar se perguntando, já que precisei dele para me salvar? Ainda mais duas vezes? Bem, é exatamente por isso que ele precisa partir desta para uma melhor. *Ele mesmo* provocou aquela explosão no laboratório de alquimia no ano passa-

do. Tive de me arrastar sozinha para fora dos escombros enquanto Orion corria em círculos lutando com uma quimera, tentando arrancar sua maldita cauda de fogo.

Com o devorador de almas foi a mesma coisa. O monstro invadiu meu quarto e não haviam se passado nem cinco segundos quando foi alcançado por Orion. Provavelmente já estava fugindo dele pelo corredor, fez um desvio de última hora na esperança de escapar e acabou encurralado.

Mas ninguém vai querer ouvir essa versão da narrativa. Tudo bem, o caso da quimera não ficou associado a mim, já que havia mais de trinta alunos no laboratório. Agora, um resgate triunfal dentro do meu próprio quarto? Isso já é outra história. O resto da escola passaria a me enxergar como mais uma pobre vítima azarada que Orion Lake salvou no decorrer de sua brilhante jornada. E isso eu não posso tolerar.

Nossos quartos não são muito grandes. Ele estava a apenas alguns passos de distância da minha escrivaninha, ainda curvado e ofegante sobre a gosma púrpura e borbulhante que fora, alguns segundos antes, um devorador de almas nojento. Aquela coisa já começara a escorrer pelas fendas estreitas entre as placas do piso frio, preparando-se para se espalhar pelo meu quarto. Um brilho evanescente fluía das mãos e iluminava o rosto de Orion, que aliás não tinha nada de excepcional — apenas um grande nariz adunco, que talvez viesse a adquirir algum charme quando o resto de suas feições o alcançasse. Por enquanto, era só desproporcional mesmo. No suor da testa estavam grudadas algumas mechas de seu cabelo cinza prateado, já precisando de um bom corte. Naquele momento, aliás, percebi que nunca estivera tão próxima dele; sempre havia uma barreira impetrável de admiradores devotos ao seu redor. Ele se aprumou e enxugou o suor do rosto com as costas da mão.

— Gal, não é? Você está bem? — disse ele, apenas para jogar sal na ferida. Nós éramos do mesmo laboratório havia três anos.

— Sim, estou bem, mas não graças a você e essa sua obsessão por toda coisa obscura que se arrasta por aí — respondi friamente. — *E não é Gal, nem nunca foi Gal, é Galadriel* — não me olhe assim, o nome não foi ideia minha. — Se forem sílabas demais para você, *El* é mais do que o suficiente.

Ele inclinou um pouco a cabeça e piscou algumas vezes, como quem não havia entendido direito a situação.

— Ah, hã... me desculpe — disse ele, retomando a voz aos poucos.

— Não, não... eu é que devo me desculpar. Claramente não estou cumprindo meu papel como deveria — coloquei a mão sobre a testa de um jeito bem melodramático, suspirei e lancei-me em seus braços. Ele cambaleou um pouco, já que éramos da mesma altura. — Ah, Orion, eu estava tão assustada. *Ainda bem* que você estava aqui para *me salvar*, eu jamais poderia lidar sozinha com um devorador de almas... — E solucei contra o seu peito, do jeito mais fingidamente patético que consegui.

Você acredita que ele me envolveu com um braço e chegou a dar tapinhas no meu ombro? Deve estar tão acostumado com isso que já é automático. Enfiei meu cotovelo em seu estômago para afastá-lo; ele soltou uma espécie de ganido, cambaleou para trás e me encarou, estupefato.

— Eu não preciso da sua ajuda, seu espreitador insuportável. Fique longe de mim ou você vai se arrepender.

Empurrei-o mais um pouco para trás e bati a porta entre nós dois; quase acertei a ponta de seu nariz. Senti uma enorme satisfação ao ver a confusão em seu semblante, ainda que por um instante. Logo depois, éramos eu e aquela velha porta de metal novamente, mas com uma novidade: um buraco gigantesco no lugar da maçaneta e da fechadura. Obrigada, herói! Voltando para a minha escrivaninha, percebi que daquela gosma vinha um leve chiado, como se algum gás vazasse de dentro dela. Um fedor putrefato tomou conta do quarto.

A raiva era tanta que tive de tentar umas seis vezes até conseguir lançar um feitiço de limpeza. Na quarta tentativa, não me aguentei. Levantei, atirei um pergaminho antigo na escuridão impenetrável lá fora, do outro lado da escrivaninha, e gritei, cheia de fúria:

— Não, eu *não quero* convocar um exército de scuvaras! Eu *não quero* conjurar um paredão de chamas mortais! Eu só quero a porcaria do meu quarto *limpo!*

Por que aquilo era tão difícil?

Em resposta, um livro enorme, encapado com algum tipo de couro desbotado, todo rachado e com bordas pontiagudas que raspavam no metal da mesa de um jeito bem desagradável, saiu do vazio e veio deslizando em minha direção. O couro parecia suíno, mas alguém quis que parecesse ter sido esfolado de um ser humano, o que era quase tão ruim quanto. O livro se abriu sozinho em uma página cheia de instruções a respeito de como obrigar uma multidão a acatar suas ordens. Se eu comprasse essa ideia, acho que algumas pessoas *teriam, de fato*, limpo o meu quarto se eu lhes pedisse.

Na verdade, acabei pegando um daqueles cristais idiotas de mãe e me sentei em minha cama estreita e barulhenta, onde meditei por uns dez minutos, com o fedor ao redor impregnando minhas roupas, lençóis e livros. Você pode até pensar que esse mau cheiro sumiria por si só, já que toda uma parede do quarto dá para a escuridão mística de um vazio, algo tão prazeroso como morar em uma nave espacial voando direto para dentro de um buraco negro. Mas você estaria enganado. Enfim, depois que consegui me livrar de um pouco daquela raiva toda, empurrei o livro com pele de porco até a outra extremidade da escrivaninha, jogando-o de volta para o vazio — com a ponta de uma caneta, por precaução — e disse para mim mesma, com toda a calma que consegui reunir:

— Eu quero um feitiço doméstico simples, para limpar toda essa bagunça indesejada e malcheirosa.

Do nada, um enorme volume, intitulado *Amunan Hamwerod*, caiu — *ploft* — sobre a mesa. Era repleto de feitiços escritos em inglês ar-

caico — meu ponto fraco no quesito línguas mortas — e não se abriu em nenhuma página específica.

Esse tipo de coisa sempre acontece comigo. Alguns feiticeiros possuem afinidades com magias climáticas, outros com feitiços transfiguratórios, e outros ainda com magias de combate, como é o caso do nosso querido Orion. Eu, por outro lado, tenho uma incrível afinidade com destruição em massa — cortesia de mamãe, é claro, assim como esse meu nome estúpido. Ela é uma daquelas mulheres que amam flores, pérolas e cristais e que dançam para a Deusa em noite de lua cheia. As pessoas são todas adoráveis, e qualquer um que faça algo errado é infeliz ou mal compreendido.

Mamãe faz até massoterapia para mundanos porque “É tão relaxante fazer as pessoas se sentirem bem, meu amor”. A maior parte dos bruxos não se preocupa muito com o trabalho mundano, considerado um tanto inferior. Se o fazem, é como se encontrar em um emprego sem valor. É a pessoa que se aposenta de uma empresa após 46 anos de serviço sem que ninguém se lembre exatamente do que ela fazia. Aquele bibliotecário que você às vezes percebe vagando por entre as estantes repletas de livros, como um fantasma. Aquele terceiro vice-presidente de marketing que aparece apenas para algumas reuniões pontuais com a diretoria — esse tipo de coisa. Existem feitiços para encontrar esses empregos e até mesmo para aliciá-los; com isso, você consegue atender às necessidades básicas da vida e ainda reservar um tempo livre para produzir *mana* e transformar o interior de sua quitinete em uma mansão de doze quartos. Mas não é o caso de mamãe. Ela quase não cobra por seus serviços e o pouco que cobra é porque oferecer massagens profissionais gratuitas leva as pessoas a ficarem receosas e duvidarem de sua capacidade — e com razão.

Eu, naturalmente — como é de se esperar para qualquer pessoa com uma compreensão básica do princípio de equilíbrio —, fui projetada como o exato oposto desse modelo. Em termos práticos, isso quer dizer que, quando quero arrumar o quarto, acabo recebendo instruções a respeito de como purificá-lo com fogo. Não que eu *possa*

realmente usar um desses catastróficos e encantadores feitiços que a escola tanto anseia por ensinar. Você não pode, por exemplo, preparar um exército de demônios em um piscar de olhos sem antes dispor de grandes quantidades de mana; e ninguém o ajudará a produzir mana nessa escala. Sejamos realistas: esse tipo de coisa costuma envolver o uso de malia.

Todos, ou melhor, quase todos, utilizam um pouco de malia aqui e ali em coisas que eles nem sequer consideram erradas. Transformar uma fatia de pão em bolo, sem antes reunir a quantidade necessária de mana, é o tipo de trapaça considerada inofensiva. Mas a verdade é que essa energia precisa vir de *algum lugar* e, se você não a reuniu antes, então é muito provável que ela tenha sido retirada de um ser vivo, pois é mais fácil extrair energia de alguma coisa viva andando por aí. Ou seja, o preço pelo seu bolo foi algum formigueiro nas redondezas cujos ocupantes endureceram, morreram e se desintegraram.

Mamãe, por outro lado, nem sequer mantém seu chá aquecido com malia. Mas se você, como a maioria das pessoas, for menos obstinado que ela, pode passar a vida inteira criando bolos de três camadas a partir de um punhado de terra e formigas, viver até 150 anos e morrer em paz, presumindo que você não morra antes por colesterol alto. Mas se você começar a utilizar malia em escalas maiores, visando destruir cidades, massacrar exércitos ou qualquer uma dessas besteiras inúteis que eu sei exatamente como fazer, a única forma de obter o suficiente é sugando mana — ou força vital, energia arcana, pó mágico ou como quiser chamar; mana é apenas a moda atual — de coisas complicadas o bastante para terem sentimentos e resistirem às suas intenções. Nesses casos, pode acontecer de a energia se corromper e você sofrer fisicamente enquanto tenta sugar mana; e, muitas vezes, elas ganham.

No entanto, nada disso seria um problema para mim. Eu seria perfeita para usar malia se fosse estúpida o suficiente para tentar. Neste ponto, devo dar crédito a mamãe que, por conta daquela tolice de apego maternal, fez com que sua aura cristalina envolvesse a minha quando eu era pequena, o necessário para me impedir de me

envolver com malia cedo demais. Uma vez, quando eu trouxe uns sapinhos para casa querendo dissecá-los e investigar suas entranhas, ela me propôs o caminho da gentileza.

— Meu amor, nós não machucamos criaturas vivas.

Para me compensar por tê-los devolvido a seu habitat, ela me levou até uma vendinha na vila e eu acabei ganhando um sorvete. Eu tinha cinco anos e sorvetes eram a minha única ambição de poder; então, é lógico, passei a levar todas as pequenas descobertas que fazia para lhe mostrar.

Quando eu já tinha idade o suficiente para que ela não pudesse mais me impedir, também já compreendia o que acontece aos feiticeiros que utilizam malia.

Normalmente, são os veteranos prestes a se graduar que começam a experimentar, mas alguns da nossa série já estão se arriscando. Às vezes, quando Yi Liu dá uma olhada rápida em você, os olhos dela ficam completamente brancos por um momento. Suas unhas ficaram enegrecidas e sei muito bem que aquilo não é esmalte. Jack Westing, o garotão norte-americano loiro e sorridente que a maioria das pessoas considera um colírio, parece bem. Mas, se você passar em frente ao seu quarto, sentirá um leve cheiro de sepultura. Se fosse o caso de você ser eu. Luisa, do quarto a três portas do dele, desapareceu no começo do ano e ninguém sabe o que lhe aconteceu — o que não é incomum, mas tenho quase certeza de que o que sobrou dela está no quarto de Jack. Tenho um bom faro para esse tipo de coisa, mesmo quando prefiro ignorar.

Se eu *tivesse* cedido e começado a utilizar malia, em pouco tempo estaria, admito, voando por aí com aquelas asas demoníacas horrosas, mas que ao menos seriam *algum* tipo de asa. A Scholomance, aliás, parece ter um dom especial de graduar futuros maleficientes e soltá-los no mundo, e quase nunca mata nenhum deles. É o resto de nós quem tem devoradores de alma batendo na soleira da porta no meio da tarde e waurias rastejando para fora do ralo e agarrando nossos tornozelos enquanto tentamos tomar um banho. Nem mesmo

Orion pode salvar a todos. Na maior parte das vezes, menos de um quarto das turmas consegue chegar até a graduação. Dezoito anos atrás — perto do nascimento de Orion, o que certamente não é por acaso — somente uma dúzia de alunos saiu de lá, e *todos eles* tinham abraçado a escuridão. Eles se uniram em bando e eliminaram todos os outros veteranos de seu ano, conseguindo obter uma dose colossal de energia.

Claro, as famílias dos outros alunos perceberam o que tinha acontecido — porque era tudo estupidamente óbvio: os idiotas não deixaram as crianças do enclave fugirem primeiro — e caçaram os doze maleficientes. O último deles foi morto no ano seguinte, na época em que mamãe se graduou. Foi o fim das Mãos da Morte, ou seja lá como chamavam a si mesmos.

Mas mesmo quando você é um sugador de malia sorrateiro e notívago, que escolhe seus alvos com sabedoria e consegue passar despercebido, não existe um caminho dessa rota que não leve cada vez mais para baixo. O querido Jack já passou a roubar força vital de seres humanos, então começará a apodrecer por dentro nos primeiros cinco anos depois de graduado. É claro que, como todo maleficiente, ele tem planos grandiosos para prevenir sua desintegração, mas não vai adiantar de nada. Como sempre, e a menos que ele apareça com alguma solução realmente muito eficaz, em dez, ou no máximo quinze anos, ele desmoronará sobre si mesmo em um belo e grotesco final. Então vão abrir seu porão e encontrar uma centena de cadáveres enquanto dizem “meu bom Deus” e “ah, mas ele parecia ser um rapaz tão bom”.

Neste momento, entretanto, em que luto página por página para entender feitiços domésticos extremamente específicos, escritos à mão em inglês arcaico, eu gostaria de usar como ajuda uma boa porção de malia. Quando chegar o dia de São Nunca — e seu palpite é tão bom quanto o meu — já terei terminado. Nesse meio tempo, atrás de mim, os restos empoçados do devorador de almas continuam a produzir aqueles estalidos cintilantes, cada um como o bri-

lho de uma luz longínqua que anuncia a erupção do horrível fedor chegando ao meu nariz.

Meu dia já fora desgastante devido aos estudos para as provas finais. Faltavam apenas três semanas para o término do semestre: se você colocasse a mão na parede de qualquer banheiro, já poderia sentir os ruídos distantes daquelas engrenagens de médio porte começando a engatar, se aprontando para girar e levar consigo para baixo todos nós, abrindo um novo ciclo.

A escola é estruturada como uma porca ao redor de um parafuso. As salas de aula ficam todas localizadas no centro. Os dormitórios dos alunos estão, de início, no nível do refeitório e a cada ano giram um andar para baixo, descendo até chegar ao nível da graduação. No próximo ano será nossa vez no andar de baixo. Ainda que isso não me deixe exatamente animada, não pretendo reprovar em absolutamente nada e me sobrecarregar com trabalhos de recuperação.

Graças aos esforços desta tarde, minhas costas, bunda e pescoço estão doloridos. A luz da minha escrivaninha começa a piscar e enfraquecer enquanto me debruço sobre os livros, apertando os olhos para conseguir enxergar as letras, e meu braço está quase dormente de tanto segurar o dicionário de inglês arcaico. Invocar um paredão de chamas mortais para incinerar os restos do devorador de almas, o livro de feitiços, o dicionário, minha escrivaninha e tudo que havia ali já me parecia a melhor ideia do mundo.

Não é *completamente* impossível se tornar um maleficiente e viver por muito tempo. Liu deve conseguir, está sendo muito mais cuidadosa do que Jack. Aposto que ela usou quase toda sua quota de peso para trazer um saco cheio de hamsters ou algo do tipo, sacrificando-os em um determinado cronograma. Ela também rouba alguns cigarros por semana, em vez de bancar a Maria Fumaça e tragar quatro maços por dia. Mas pode se dar ao luxo de fazer essas coisas porque não está completamente sozinha no mundo e veio de uma família grande — não o suficiente para criar um enclave próprio, mas tampouco muito distante disso. Há rumores de que eles têm outros

maleficientes na família, o que pode ser algo estratégico. Ela tem um par de primos gêmeos que virão para a escola no ano que vem e poderá protegê-los usando magia durante o seu primeiro ano. Depois de se graduar, Liu terá opções: se quiser parar, poderá largar a feitiçaria, conseguir um daqueles trabalhos mundanos maçantes para pagar as contas e depender do resto da família para protegê-la ou até mesmo para lançar feitiços por ela. Em dez anos ela estaria psiquicamente curada, ao menos o suficiente para voltar a utilizar mana. Ou poderia se tornar uma maleficiente profissional: o tipo de feitiçeira que é muito bem paga por enclaves para fazer trabalhos difíceis sem fazer muitas perguntas. Contanto que não faça nada muito extremo — meu tipo de feitiço —, ela provavelmente ficará bem.

Diferentemente de Liu, não tenho nenhuma família além de mamãe e, certamente, não tenho nenhum enclave pronto para me apoiar. Lá fora, nós duas vivemos na comunidade de Radiant Mind, perto de Cardigan, no País de Gales, que também abriga um xamã, dois curandeiros espirituais, um grupo de wicca e uma trupe de dança folclórica. Todos eles possuem mais ou menos a mesma quantidade de poder real — vale dizer, nada — e ficariam horrorizados se vissem uma de nós fazendo magia de verdade. Ou melhor, se *me* vissem, já que mamãe só costuma fazer magia em danças com grupos de voluntários, gerando mana para então espalhá-lo novamente na forma de brilhos, faíscas, alegria e coisa e tal. Já perdi a conta de quantas vezes falei que tudo isso deveria ser cobrado, mas ela nunca me ouviu. As pessoas nos convidam para suas casas e nos oferecem comida por que a amam; quem poderia não amar mamãe? Quando ela chegou da Scholomance, no terceiro mês da minha gestação, todos se juntaram para construir uma tenda para ela. Mas nenhum deles poderia me ajudar a fazer feitiços ou me defender da maleficência à espreita. Mesmo se pudessem, não o fariam. Não gostam de mim. Ninguém gosta, exceto mamãe.

Papai morreu aqui, durante a graduação, tirando mamãe de lá. Usamos o termo graduação porque é assim que os norte-americanos falam e eles têm arcado com a maior parte das despesas da escola

nos últimos setenta anos. É aquela velha história: quem paga o flautista dá o tom. No caso da nossa graduação, contudo, não se trata de uma comemoração, nem nada do tipo. É apenas o momento em que todos os alunos do último ano são deixados no salão da graduação, lá embaixo, no fundo da escola, e devem abrir caminho em meio a um bando de maleficientes famintos que ficam à espreita por ali. É um momento marcante de transição. Cerca de metade das turmas veteranas — isto é, metade daqueles que conseguiram sobreviver ao longo dos anos e chegar até ali — consegue sair. Papai, não.

Ele tinha uma família que vivia perto de Mumbai. Mamãe conseguiu localizá-la, mas só quando eu tinha cinco anos de idade. Os dois se conheceram na escola e ficaram juntos por cerca de quatro meses. Ela e papai nunca trocaram muitas informações sobre suas vidas lá fora e nem fizeram muitos planos para depois da graduação. Não, isso teria sido sensato demais. Na verdade — e é isso que ela diria — eles eram almas gêmeas, e o amor mostraria o caminho.

Enfim, quando ela finalmente os conheceu, descobriu que eram muito ricos, do tipo que tem palácios, joias, gênios como servos etc. Além disso, mais importante para os padrões de mamãe, a família era originária de um antigo enclave hindu mana-adepto que fora destruído durante o Raj. Eles ainda seguiam as regras: não comiam carne e muito menos mexiam com malia. Ela estava satisfeita em ir morar com eles, que por sua vez pareciam bastante animados em nos receber. Os familiares nem sequer sabiam o que tinha acontecido com meu pai; a última vez em que ouviram falar dele foi no final do semestre de seu primeiro ano escolar, por meio de alguém da turma dos veteranos — os veteranos coletam mensagens do resto dos alunos uma semana antes da graduação. Já escrevi a minha deste ano e dei algumas cópias para os garotos do enclave de Londres. Nada demais: *continuo viva, indo bem nas aulas etc.* É melhor escrever algo sucinto para garantir que um veterano aceite incluir o texto em seu envelope.

Papai enviou uma dessas mensagens para sua família para avisar que tinha sobrevivido até ali. Mas ele nunca saiu. Mais um entre cen-

tenas de jovens atirados neste monte de lixo. Quando mamãe revelou essas coisas e que eu era filha dos dois, aquilo se transformou no sentimento mais próximo que eles teriam de um retorno de papai. Enviaram passagens só de ida. Mamãe disse adeus a todos na vila, embalou nossos pertences e lá fomos nós.

Quando chegamos, minha bisavó deitou os olhos em mim, teve algum tipo de visão e disse que eu era uma alma atormentada, que traria morte e destruição para todos os enclaves do mundo se não fosse impedida. Meu avô e seus irmãos foram os primeiros a tentar cumprir aquela profecia. Foi a única vez em que vi minha mãe realmente soltar as feras. Me lembro vagamente: ela de pé em nosso quarto, com quatro homens tentando tirá-la do caminho e me pegar. Não sei o que eles planejavam fazer, pois nenhum deles jamais havia feito mal a uma mosca, mas acho que o ataque foi realmente alarmante.

Eles discutiram e discutiram até que, de repente, o lugar inteiro foi inundado por uma luz terrível, que doía só de olhar. Mamãe me enrolou em um cobertor e saiu determinada da propriedade, descalça e de camisola, me carregando sem olhar para trás, enquanto aqueles desgraçados ficaram lá, sem saber o que fazer. Fomos até a estrada mais próxima, ela ergueu o polegar e um motorista nos deu carona até o aeroporto. Em seguida, um desses bilionários da área tecnológica, prestes a embarcar em seu jatinho particular para Londres, viu-a em pé no saguão comigo e se ofereceu para nos levar. Esse homem ainda vai até a vila uma vez por ano para uma semana de limpeza espiritual.

Senhoras e senhores, essa é a minha mãe. Mas não sou eu. O episódio com a minha bisavó foi apenas o primeiro de muitos: daria para formar uma longa fila com a quantidade de pessoas que me encontra sorridente mas perde o sorriso antes de eu dizer qualquer palavra. Ninguém jamais me oferecerá carona; ninguém dançará em uma clareira para me ajudar a aumentar a concentração energética ou botar comida na mesa. Para ir direto ao ponto, ninguém estará ao meu lado para enfrentar todas as coisas desagradáveis que perseguem feiticeiros o tempo inteiro atrás de uma boa refeição. Se não

fosse por mamãe, eu não seria bem-vinda nem em minha própria casa. Você não tem ideia de quantas daquelas pessoas *bacanas* da vila — o tipo de gente que escreve cartas longas e sinceras para políticos e está sempre protestando por tudo, de justiça social à preservação dos morcegos — vieram falar comigo, entusiasmadas, quando eu tinha quatorze anos, sobre como eu devia estar animada para ir à escola — só rindo — e o quanto eu devia querer lutar pelo meu próprio futuro depois de me formar, conhecer mais o mundo etc.

Longe de mim querer voltar para aquela vila. Não sei se alguém que nunca teve essa experiência poderia apreciar devidamente o quão horrível é estar cercada o tempo inteiro por pessoas que acreditam em tudo, de duendes a tendas de suor e contos natalinos. Só que essas mesmas pessoas não acreditam que você pode fazer magia de verdade. Eu literalmente já mostrei para elas, bem diante de seus olhos — ou tentei, pelo menos. Mas é preciso muita quantidade de mana extra para lançar até mesmo um pequeno feitiço de fogo com um mundano te observando, firmemente convencido de que você é uma garota com um isqueiro escondido na manga que provavelmente vai se atrapalhar com o truque. E mesmo que você faça algum feitiço espetacular na frente deles, deixando-os de queixo caído e sem palavras — no máximo um “*uau, que incrível!*” —, no dia seguinte os comentários já terão se transformado em coisas como “*cara, aquele cogumelo bateu forte*”. E então me evitam ainda mais. Moral da história: eu não quero estar *aqui*, mas também não quero estar lá.

Só que, na verdade, não é nada disso. O tempo inteiro fico sonhando em ir para casa. Todo dia tiro cinco minutos para ficar de frente para o respiradouro na parede, perto o suficiente para sentir a corrente de ar que sai dele. Então, fecho meus olhos, tapo o rosto para bloquear o cheiro de óleo queimado e começo a fingir que estou sentindo o cheiro de terra molhada, alecrim seco e cenouras fritas na manteiga, enquanto o vento suave acaricia as árvores lá fora e, se eu apenas abrir os olhos, estarei deitada de costas em uma clareira, o sol se escondendo atrás de uma nuvem. Ah, trocaria sem hesitar meu quarto por aquela cabana na floresta, mesmo que ali tudo que

tenho fique mofando depois de duas semanas inteiras de chuva. É uma melhoria em relação à doce fragrância do devorador de almas. É claro que, se você me dissesse há algum tempo atrás que um dia eu sentiria falta daquelas pessoas, eu teria rido na sua cara. Mas, depois de três anos aqui, eu pediria um abraço carinhoso até para Philippa Wax se encontrasse aquela cara dura e azeda.

Está bem, não é para tanto. Além do mais, tenho certeza de que todos esses sentimentos se reverterão na primeira semana depois que eu voltar. Seja como for, o fato é que não sou bem-vinda por lá; no máximo, me toleram. Talvez nem isso, se eu resolver me acomodar por lá. É provável que o conselho comunitário — Philippa é a secretária — invente alguma desculpa esfarrapada para tentar me expulsar. Minha *negatividade espiritual* já foi mencionada mais de uma vez, e isso só até os limites de minha acuidade auditiva. E então eu estragaria a vida que mamãe construiu por lá, porque ela iria embora comigo em um piscar de olhos.

Desde antes de vir para a Scholomance, eu já sabia que minha única chance de ter uma vida decente — presumindo que eu consiga sair daqui viva — seria entrar para um enclave. Isso vale para todos, pois a maioria dos bruxos mais independentes pode encontrar alguns amigos para que se juntem e protejam uns aos outros, produzam mana e colaborem um pouco. Mesmo que as pessoas gostassem de mim o suficiente para se importar comigo — o que nunca aconteceu —, eu não lhes seria muito útil. Pessoas comuns costumam querer uma vassoura em seus armários, não um lança-foguetes, e aqui estou eu, tentando lançar um feitiço para limpar o chão já faz duas horas.

Mas se você está em um enclave grande, com algumas centenas de bruxos, e um dragão letal rastejar para fora das profundezas de uma caverna, ou outro enclave decidir declarar guerra, pode ser ótimo ter alguém por perto que consiga cortar rapidamente a garganta de uma vaca para soltar todos as chamas do inferno em sua defesa. Ter alguém com tal qualificação em seu enclave significa, em primeiro lugar, que vocês provavelmente *não* serão atacados, e assim nenhuma

vaca precisará ser sacrificada. Significa também que eu não precisaria sofrer nenhum trauma psíquico, perder cinco anos da minha vida ou, pior ainda, fazer minha mãe *chorar*.

Tudo, porém, se resume a uma questão de reputação. Ninguém vai me convidar para um enclave, e nem mesmo para uma aliança temporária de graduação, se acharem que sou algum tipo de donzela patética angustiada que precisa ser resgatada pelo herói local. E certamente ninguém vai me convidar por *gostar* de mim. Já Orion não precisa impressionar ninguém: além de já fazer parte de um enclave, sua mãe é uma das principais candidatas a próxima Matriarca de Nova York, que ainda deve ser o enclave mais poderoso do mundo, e seu pai é um artífice mestre. Bastava ele ficar de olho e fazer apenas um mínimo de esforço nos estudos para sair e passar o resto da vida rodeado por luxo, segurança, os melhores bruxos e o mais extraordinário artífice do mundo.

Em vez disso, ele tem passado todos esses anos fazendo de si mesmo um grande espetáculo. O devorador de almas que entrou pela minha porta deve ter sido seu quarto ato heroico da semana. Ele segue salvando todos os cretinos e fracotes da área sem levar em consideração que alguém terá de pagar o preço por isso — e *haverá* um preço. Por mais que eu queira ir para casa, sei muito bem que é uma sorte poder estar aqui, e a única razão para isso é porque boa parte da escola foi construída pelo enclave de Manchester nas brumas da Era Eduardiana. Os atuais enclaves do Reino Unido conseguem manter um número desproporcional de vagas para distribuir — algo que pode mudar nos próximos anos, pois os enclaves de Xangai e Jaipur têm ameaçado construir uma nova escola na Ásia se não houver uma realocação significativa dessas vagas o quanto antes. Pelo menos por enquanto, contudo, qualquer jovem que não pertença a um enclave do Reino Unido ainda pode ser incluído automaticamente na lista de recomendações.

Mamãe se ofereceu para me tirar daqui, mas eu não era doida o suficiente para isso. Os enclaves não construíram essa escola à toa: lá fora consegue ser *ainda pior*. Todos aqueles maleficientes rastejando

pelos dutos de ventilação e encanamentos, todos eles, não vêm daqui — eles vêm *até aqui* porque é onde todos nós estamos. Nós, os jovens bruxos repletos de mana que ainda estamos aprendendo a utilizar. Isso eu aprendi na apostila de Estudos Maleficientes do primeiro ano. Você sabia que, a cada seis meses, entre os treze e dezoito anos de idade, nós ficamos mais e mais apetitosos para os maleficientes? É porque os corpos mais jovens são embrulhados por uma casquinha açucarada, fina e fácil de quebrar, ao contrário da pele borrachuda difícil de mastigar dos bruxos mais velhos. E não fui eu que inventei essa metáfora, está desse jeito na apostila, que tem muito prazer em nos dizer com detalhes o quanto os maleficientes querem nos devorar: muito, mas muito mesmo.

Voltando às brumas do final do século XIX, o famoso artífice Sir Alfred Cooper Browning — é difícil esquecer um nome que está estampado por todos os cantos da escola — resolveu criar a Scholomance. Sempre que dou de cara com uma das suas placas ou quadros pela enésima vez, reviro os olhos. Mas uma coisa eu devo admitir: o projeto da escola é realmente muito eficaz. O primeiro ponto a se considerar é que o único lugar que a conecta com o resto do mundo são os portões da graduação, que estão cercados por várias camadas de proteções mágicas e barreiras artificiais. Quando algum male — gíria para maleficência — se contorce todo e consegue passar, só chega até o salão de graduação, que não se conecta ao resto da escola a não ser por um número mínimo de canos e dutos de ventilação necessários para abastecer o local, todos também protegidos por barreiras.

Assim, os males que ficam presos por ali acabam passando muito tempo tentando invadir os andares superiores e, enquanto isso, vão se enfrentando e devorando uns aos outros. Os maiores e mais perigosos não conseguem se espremer pelos canos, então acabam ficando no salão da graduação, devorando males mais fracos até chegar a hora de se empanturrarem. É muito mais difícil chegar até aqui dentro do que se estivéssemos vivendo do lado de fora — em uma cabana, por exemplo. Até mesmo as crianças dos enclaves eram de-

voradas com mais frequência antes da escola ter sido inaugurada. Se você é um jovem que não pertence a um enclave e não entrou na Scholomance, suas chances de passar da puberdade são de uma em vinte. Em comparação, uma em quatro é uma chance bem razoável.

Mas essa proteção não vem de graça. Nós *pagamos* com trabalho, miséria, medo, pânico e várias outras emoções que servem de combustível para produzir a quantidade de mana que alimenta a escola. E nós pagamos, acima de tudo, com *aqueles que não conseguem sobreviver*. Por isso não consigo parar de me perguntar que bem Orion pensa que está fazendo ao salvar pessoas, o que qualquer pessoa pensa que ele está fazendo ao salvar pessoas. Cedo ou tarde, a conta chega.

Mas ninguém enxerga isso. O fato é que menos de vinte calouros morreram até agora este ano — um número que normalmente não fica abaixo de cem —, e todos na escola parecem achar que o herói nasceu com a bunda virada para a lua. No próximo ano, o enclave de Nova York deverá ter cinco vezes mais candidaturas. Melhor já ir desistindo de querer entrar lá, embora as chances de eu me juntar ao enclave de Londres também não pareçam ser muito boas. Tudo isso é exasperante, especialmente porque eu deveria ser notada por aqui! Conheço dez vezes mais feitiços de destruição e dominação do que todas as turmas de veteranos juntas. Você também seria capaz disso se descobrisse cinco deles a cada vez que fosse tentar limpar o chão ensanguentado.

Olhando as coisas pelo lado positivo, hoje aprendi 98 encantamentos domésticos úteis em inglês arcaico, pois precisei chegar ao 99º para finalmente descobrir aquele que deve eliminar o fedor do meu quarto. O livro não pode desaparecer de jeito nenhum, um tiro no pé que a escola dá vez ou outra, em geral quando as coisas estão mais terríveis e irritantes. O sofrimento de traduzir 99 feitiços com os restos de um devorador fedorento atrás de mim valeu a pena pelos outros encantamentos úteis.

Daqui a uma ou duas semanas me sentirei grata, mas neste momento preciso me levantar e fazer quinhentos polichinelos perfeitos

em sequência, mantendo um foco inabalável em meu cristal de armazenamento para poder gerar uma quantidade suficiente de mana que lave o meu chão sem matar nada, ou ninguém, por acidente. Não me atrevo a trapacear, até porque não há formigas e baratas por aqui, e estou ficando mais poderosa a cada dia, como todos os outros. Com meu dom particular, se eu tentasse trapacear com um feitiço de limpeza simples como esse, seria bem provável que eu acabasse destruindo três vizinhos para cada lado, deixando o corredor inteiro tão limpo quanto um necrotério recém-higienizado. Claro, eu também poderia usar um pouco da quantidade de mana que tenho aqui comigo: mamãe me encheu de cristais que ela mesma preparou com seu grupo. Mas eu tento guardá-los para emergências ou casos de extrema necessidade, entre eles a graduação. Nada que envolva limpar meu quarto, portanto.

Depois que o chão ficou limpo, resolvi acrescentar cinquenta fleções ao processo — não à toa, tenho estado em boa forma nesses últimos anos — para poder realizar o feitiço de purificação favorito da minha mãe. Por causa disso, o quarto acabou ficando com um cheiro forte de sálvia queimada e incenso, que considerei um progresso. Já era quase a hora do jantar, e um banho era mais que necessário; mas só de pensar em enfrentar alguma porcaria rastejando para fora do ralo àquela altura, o que era quase certo, desisti. Em vez disso, troquei a blusa, fiz uma trança no cabelo e lavei o rosto com água da jarra, aproveitando para enxaguar a camiseta, e a pendurei para secar. Eu tinha apenas duas camisetas e ambas estavam ficando puídas. No primeiro ano, na segunda noite aqui, uma sombra anônima saiu debaixo da cama, e eu não tinha de onde puxar mana. Sacrificar minhas roupas me deu poder suficiente para destruí-la sem precisar extrair força vital de outro lugar. Não precisava de Orion Lake para me salvar *daquilo*, não é?

Apesar dos meus melhores esforços para melhorar a aparência, quando cheguei ao ponto de encontro — nós sempre caminhamos em grupo até o refeitório, pela simples razão de que caminhar so-

zinho por aqui é algo muito, muito estúpido — Liu me deu uma olhada e perguntou:

— O que aconteceu com você, El?

— Nosso glorioso salvador Lake decidiu derreter um devorador de almas na minha célula hoje à tarde, e tive de limpar tudo sozinha — respondi.

— *Derreteu?* Que nojo — Liu pode ser uma bruxa que mexe com feitiços obscuros, mas ao menos não se ajoelha diante do trono de Orion. Maleficente ou não, gosto dela; é uma das poucas pessoas por aqui que não se importa de andar comigo. Ela tem muito mais opções sociais do que eu, mas é sempre cortês.

Não era o caso de Ibrahim, que também estava por ali, de costas para nós enquanto esperava por seus amigos, deixando bem claro que não éramos bem-vindas para caminhar com eles. Ele se virou e falou — na verdade, *gritou* — todo empolgado:

— Orion te salvou de um devorador de almas! — Orion salvara sua vida três vezes, e ele *precisava* ser salvo.

— Orion levou um devorador para dentro do meu quarto e espalhou-o todo pelo chão — respondi, soltando as palavras por entre os dentes, mas não adiantou. Quando Aadhya e Jack se juntaram a nós e conseguimos fechar um grupo de cinco para subir até o refeitório, Orion já tinha oficialmente me salvado de um devorador de almas. Depois do jantar, só duas pessoas vomitaram, o que era um sinal positivo de que estávamos aprimorando nossos encantos de proteção e nossos antídotos. Àquela altura, a escola toda já sabia do que acontecera.

Em sua maioria, os tipos de maleficências sequer têm nomes; há inúmeras variedades e elas surgem e desaparecem o tempo inteiro. Mas devoradores de almas significam problema. Já aconteceu de um deles trucidar dezenas de alunos sozinho. E não é um jeito muito agradável de partir: um dramático show de luzes (do devorador) e gritos estridentes (das vítimas). Minha reputação já estaria solidifi-

cada se eu tivesse derrotado um deles sozinha, e eu sei que poderia fazê-lo — tenho 26 cristais totalmente carregados na caixinha de sândalo ornamentada embaixo do meu travesseiro, guardados exatamente para esse tipo de situação. Seis meses atrás, quando eu tentei remendar um suéter desfiado sem ter de recorrer aos horrores do crochê, consegui um feitiço para desfilar almas que teria destruído um devorador de dentro para fora — sem *nenhum* resíduo malcheiroso — deixando até mesmo um fiapo luminoso para trás. Eu poderia fazer um acordo com Aadhya, que é da linha de artifícios e tem forte afinidade com o uso de materiais estranhos. Então, poderíamos utilizá-lo para patrulhar nossas portas durante a noite, já que a maioria dos maleficientes não gosta de luminosidade. Esse é o tipo de vantagem que pode te levar até a graduação. Em vez disso, tudo que eu tinha era o enorme desprazer de ser só mais um ato heroico de Orion Lake.

Pelo menos essa minha experiência “não muito próxima da morte” me deu um bom lugar na mesa de jantar. Normalmente, eu me sento sozinha na extremidade da mesa parcialmente cheia dos rejeitados da vez; às vezes, quando me sento entre outros grupos, as pessoas mudam de mesa e eu acabo sozinha de qualquer jeito, o que é ainda pior. Hoje sentei em uma das mesas centrais, bem debaixo das lâmpadas ultravioleta — mais vitamina D do que eu recebera em meses, sem contar as pílulas —, com Ibrahim, Aadhya e algumas outras pessoas mais ou menos populares. Havia até uma garota do pequeno enclave de Maui. Mas isso só aumentou minha raiva, pois eles só queriam falar de todas as coisas maravilhosas que Orion já tinha feito. Alguns até chegaram a me pedir para descrever a luta.

— Bem, primeiro ele perseguiu o devorador até o meu quarto, explodiu a minha porta e depois o incinerou antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Depois, simplesmente foi embora, deixando uma bagunça fedorenta lá dentro — rebati. A história que ninguém queria ouvir. Afinal, preferem acreditar que ele é um grande herói que salvará a todos. Argh.